

O aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso como ferramenta de compreensão do discurso religioso

Ana Elita Andrade Manso ¹

Otávia Marques de Farias ²

Resumo:

Tomando como base, sobretudo, Maingueneau (2000, 2008, 2010, 2025) e, complementarmente, Orlandi (2023), este trabalho objetiva investigar como a Análise do Discurso de tradição francesa (AD), enquanto conjunto de instrumentos teórico-analíticos, viabiliza uma maior compreensão do discurso religioso. Para isso, reunimos, em uma revisão integrativa, conceitos e categorias de análise propostos por esse campo disciplinar e traçamos de que forma esses mecanismos foram aplicados em pesquisas nas quais as diversas práticas que envolvem o discurso religioso foram observadas. Como critérios centrais para a seleção dos estudos que compõem esta revisão, elegemos os que se filiam à AD e, considerando a importância do cristianismo na sociedade brasileira, optamos pelos que tratam do discurso religioso cristão. Observamos que noções basilares da AD, como interdiscurso, formação discursiva, semântica global (polêmica, interincompreensão) e *ethos* discursivo, são as mais recorrentes nas análises empreendidas. A revisão das conclusões desses estudos reforça, ainda, que o discurso religioso é uma prática constituinte e reguladora de sentidos, operando no cruzamento entre tradição e atualização, entre memória e disputa, sempre vinculada a contextos sociais, políticos e históricos.

Palavras-chave: análise do discurso; discurso religioso; categorias analíticas; revisão integrativa.

The theoretical-methodological contribution of discourse analysis as a tool for understanding religious discourse

Abstract:

Drawing primarily on Maingueneau (2000, 2008, 2010, 2025) and, complementarily, on Orlandi (2023), this study aims to investigate how French Discourse Analysis (DA), as a set of theoretical and analytical tools, enables a deeper understanding of religious discourse. To this end, we conducted an integrative review that brings together concepts and analytical categories proposed within this disciplinary field, outlining how these mechanisms have been applied in research that examines the various practices involving religious discourse. As central criteria for selecting the studies included in this review, we chose those aligned with DA and, considering the importance of Christianity in Brazilian society, focused on those addressing Christian religious discourse. We observed that fundamental notions of DA - such as interdiscourse, discursive formation, global semantics (polemic, interincomprehension), and discursive ethos - are the

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Unilab (PPGLin/Unilab). Servidora Técnico-Administrativa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora efetiva da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Unilab (PPGLin/Unilab).

most recurrent in the analyses conducted. Moreover, the review of these studies' conclusions reinforces that religious discourse is a constitutive and regulatory practice of meaning, operating at the intersection between tradition and renewal, between memory and dispute, always tied to social, political, and historical contexts.

Keywords: discourse analysis; religious discourse; analytical categories; integrative review.

1. Introdução

A Análise do Discurso de orientação francesa (AD) constitui um campo de estudos voltado à compreensão da linguagem enquanto prática social, atravessada por condições históricas, ideológicas e institucionais. Nessa perspectiva, o discurso é concebido não apenas como forma de expressão ou representação do mundo, mas como espaço de constituição de sentidos, nos quais sujeitos, saberes e relações de poder se articulam. O sentido, assim, não é dado de forma estável ou transparente, mas é construído e disputado no interior de formações discursivas e de uma complexa rede interdiscursiva, na qual cada enunciado remete a outros que o antecedem, contradizem ou sustentam. Com isso, a AD propõe uma leitura da opacidade das práticas discursivas, atenta aos modos como os discursos se legitimam e se inscrevem na vida social.

A prática que propomos observar, o discurso religioso, em nossa sociedade, especialmente em sua vertente cristã, ocupa um lugar privilegiado na constituição de sentidos que orientam práticas sociais, políticas e culturais. No percurso da história, ele vem se apresentando como uma instância legitimadora, capaz de normatizar condutas, consolidar hierarquias e estabelecer fronteiras simbólicas entre crentes e não crentes, entre o sagrado e o profano, entre os que pertencem e os que são excluídos. No contexto brasileiro, segundo dados do Censo 2022³, 83,6% da população se afirmam cristãos, sendo 56,75% católicos e 26,85% evangélicos, o que aponta para a potencialidade de práticas discursivas atreladas à cultura religiosa no país. Essa centralidade confere ao discurso religioso uma autoridade que o faculta a disputar sentidos nos espaços sociais, interferindo em debates sobre moralidade, política, direitos e identidade.

Na perspectiva da AD, conforme proposto por Maingueneau (2000, 2008, 2010, 2025), autor que fornece a fundamentação teórica principal para esta revisão teórica, e por Orlandi (2023), autora que também traz relevantes contribuições complementares, o discurso religioso não se limita a uma expressão de fé individual, mas se configura como uma prática social dotada de materialidade linguística e atravessada por disputas de manutenção de sentidos que envolvem poder e autoridade. Assim, investigar seus modos de produção e circulação permite lançar luz sobre os mecanismos pelos quais ele se mantém como um discurso constitutivo da coletividade, principalmente em

³ Fonte Censo 2022: Religiões - Resultados preliminares da amostra. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR&tema=10>. Acesso em 08 jul.2025.

contextos contemporâneos marcados por uma pluralidade de sentidos e posicionamentos que se atravessam, por novas formas de mediação e por polarizações ideológicas.

Propomos, nesse trabalho, portanto, uma revisão integrativa de literatura, com descrição das principais categorias, conceitos e métodos de análise, resultantes das teorias desenvolvidas pela AD, articuladas à compreensão do discurso religioso de vertente cristã. Desse modo, nossos objetivos são: i) apresentar aspectos do discurso religioso ancorados nos estudos, em primeiro lugar, de Maingueneau (2000, 2008, 2010, 2025), e, de forma complementar, de Orlandi (2023); ii) mapear as aplicações dos conceitos e procedimentos de análise, oriundos do escopo teórico-analítico da AD, utilizados em pesquisas sobre o discurso religioso cristão; iii) traçar a relação entre teoria e aplicação das ferramentas teórico-analíticas da AD, examinando de que forma elas possibilitam uma maior compreensão do discurso religioso.

Ao reunir, descrever e articular conceitos, categorias analíticas e métodos empregados em investigações anteriores, esta revisão integrativa oferece uma oportunidade de reflexão sobre os estudos discursivos do campo religioso. O mapeamento realizado possibilita não apenas identificar os principais caminhos já trilhados em trabalhos diversos, mas também sistematizar perspectivas que possam orientar novas pesquisas e reflexões críticas sobre esse objeto. Dessa forma, este estudo busca ampliar a compreensão do discurso religioso enquanto prática constitutiva de sentidos e de identidades.

O trabalho segue assim organizado: inicialmente, discorreremos sobre o discurso religioso, tomando como base as concepções de Maingueneau (2000, 2008, 2010, 2025) e Orlandi (2023); em seguida, apresentamos um panorama das investigações cujo objeto é o discurso religioso, descrevendo as categorias analíticas mais utilizadas; na sequência, detalhamos o quadro teórico-analítico das principais ferramentas identificadas e articulamos os conceitos e suas aplicações aos resultados das pesquisas, de modo a verificar de que forma os estudos contribuem para ampliar a compreensão das características e do funcionamento do discurso religioso; por fim, tecemos algumas considerações interpretativas sobre o todo dos resultados encontrados.

2. O discurso religioso

O discurso religioso, compreendido no horizonte teórico da AD, apresenta-se como um campo fecundo para a observação de práticas socialmente relevantes e possibilita reflexões sobre a produção de sentidos e a constituição de sujeitos. Ele não apenas comunica sobre o sagrado, mas também molda sentidos, organiza comunidades e estabelece formas de autoridade que pretendem ser absolutas, levando assim a percepções particulares sobre a realidade. Para uma maior compreensão sobre a configuração do discurso religioso, escolhemos partir das contribuições de

Maingueneau (2000, 2008, 2010, 2025), cujas obras são nosso principal suporte, e de Orlandi (2023), que também desenvolveu referencial importante para esse objeto. Vamos a esses dispositivos teóricos.

Ao tratar a questão da historicidade do gênero do sermão religioso, Maingueneau (2010) entende o discurso religioso como um discurso constituinte, isto é, aquele que reivindica uma origem transcendente e se coloca em posição de autoridade máxima. Nas palavras do autor (p. 101):

O discurso religioso, enquanto ‘discurso constituinte’, faz parte desses discursos que são radicalmente heterogêneos, que associam gêneros de discurso muito fechados, produzidos por e para especialistas, que pretendem enunciar em nome da Fonte que os funda, e gêneros mais próximos da vida cotidiana. É o conjunto de interações entre gêneros bastante diversos que é preciso estudar, em vez de considerar que o essencial está localizado nas arquiteturas doutrinárias ou, ao contrário, nos gêneros do cotidiano.

Além disso, o autor observa que a análise desse discurso é complexa porque oscila entre dois procedimentos distintos: a interpretação dos textos fundadores, seja como portadores de sentidos espirituais, seja como documentos históricos de uma época, e o estudo das práticas religiosas que se articulam a esses textos. Essa oscilação, por sua vez, relaciona-se a outra, que se estabelece entre a abordagem filológica, que lê os textos como fatos históricos, e a hermenêutica dos crentes, que os entendem como patrimônio do qual se consideram herdeiros e responsáveis.

Dessa forma, a especificidade do discurso religioso estaria em sua constituição heterogênea e em sua historicidade, uma vez que as formas de enunciação se transformam conforme os dispositivos de comunicação e as condições de produção em que se inscrevem. Para exemplificar, Maingueneau (2010), em sua análise, destaca que, no século XVIII, o sermão clássico era rigidamente codificado e sustentado por um *ethos* inspirado e legitimado pela Igreja; já na contemporaneidade, a homilia televisiva adotaria um tom mais informal e próximo dos fiéis, atravessado por valores sociais dominantes como igualdade e solidariedade. Para o autor, o discurso religioso se define pela necessidade constante de atualizar os sentidos atribuídos aos textos sagrados, de forma a garantir sua pertinência em diferentes tempos e lugares.

Ainda com base na perspectiva de que o discurso religioso se encaixa no que o autor denomina como discursos constituintes, Maingueneau (2000) afirma que, além do religioso, “partilham um certo número de propriedades quanto as suas condições de emergência, de funcionamento e de circulação” (p. 6) os discursos filosófico, científico e literário. Também designados como discursos de fundação, pois se caracterizam como aqueles que pretendem fundar e não serem fundados por nenhuma outra instância discursiva, esses discursos compartilham

aspectos comuns, principalmente na forma como se inserem no interdiscurso⁴, produzem seus enunciados e organizam sua circulação entre diferentes contextos e interlocutores.

Maingueneau (2000, p. 10) entende que esse tipo de discurso busca legitimar o espaço social em que circula, apresentando-se como se tivesse origem em uma fonte superior (como a Lei, a Razão ou a Palavra divina), da qual ele seria uma expressão legítima. Esse processo acontece de três formas: o discurso monta uma cenografia, ou seja, uma representação da situação em que é produzido; utiliza um código de linguagem que reforça sua autoridade diante da diversidade de vozes e línguas; e constrói um *ethos*, dando à sua voz uma identidade que reforça a credibilidade daquilo que é dito.

Sobre outros aspectos relevantes dos discursos constituintes, evidenciamos seu caráter autoconstitutivo, uma vez que “não tendo eles mesmos discursos que os validem” (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 126), eles se autolegitimam a partir de princípios fundadores ou valores transcendentos que sustentam sua autoridade. Apresentam ainda a dimensão heteroconstitutiva, pois, como afirma Maingueneau, são “ao mesmo tempo auto e heteroconstituente, duas faces que se supõe reciprocamente” (2000, p. 6), só conseguindo validar e sustentar outros enunciados na medida em que, no próprio ato de se enunciar, constroem as condições que comprovam sua legitimidade (Charaudeau; Maingueneau, 2008). Portanto, esses discursos refletem sobre sua própria constituição, organizam hierarquias discursivas e produzem sentidos que visam influenciar práticas coletivas.

Para o autor, os discursos constituintes se caracterizam por estarem ligados ao que ele chama de *archeion*, termo que remete à origem etimológica da autoridade e designa o espaço simbólico onde se depositam os enunciados fundadores. No caso do discurso religioso, refere-se ao lugar simbólico onde ele se ancora, associando-se a uma memória legitimadora e a “um corpo de enunciadorens consagrados” (Maingueneau, 2000, p. 6-7).

Uma marca importante do discurso religioso como um discurso constituinte é a produção de inscrições. Diferente de simples enunciados passageiros, as inscrições são textos que pretendem ter validade permanente e exercer influência sobre toda a comunidade (Maingueneau, 2000, p. 8-9). As Escrituras, os dogmas e as fórmulas litúrgicas podem ser exemplos desse dispositivo no discurso religioso. Esses textos passam a ocupar uma posição de referência, sendo citados, comentados e reatualizados ao longo do tempo.

O autor (*idem*, p. 9-10) também destaca que o discurso constituinte organiza uma hierarquia de gêneros. No topo, estariam os chamados textos fundadores, “enunciados mais ‘prestigiados’ que

⁴ Esse conceito basilar da AD será aprofundado nas seções posteriores, dedicadas às teorias e categorias analíticas. Por ora, ficaremos com o entendimento de Charaudeau e Maingueneau (2008), de que o interdiscurso se refere, em sentido estrito, ao conjunto de discursos que mantêm relação de delimitação recíproca uns com outros, e, em sentido amplo, ao conjunto das unidades discursivas com os quais o discurso particular entra em relação implícita ou explícita (p. 286).

outros, por estarem mais próximos da Fonte legitimante”. No contexto religioso, esses enunciados seriam os mais próximos da origem sagrada, e abaixo deles surgiriam outros que interpretassem ou explicassem esses conteúdos. Isso mostra que há uma organização interna de prestígio e autoridade entre os diversos modos de falar sobre a fé e o divino.

Outra característica apresentada pelo autor (*idem*, p. 9) é a do quadro hermenêutico que acompanha os discursos constituintes. Nesse quadro, os enunciados não podem ser entendidos de qualquer maneira, é preciso uma interpretação especializada, realizada por pessoas autorizadas, como teólogos, padres ou pastores, autoridades aqui referentes ao discurso religioso. Essa exigência reforça o caráter sagrado e ao mesmo tempo restrito do acesso ao sentido pleno dos textos. Maingueneau (2025) observa ainda que os discursos constituintes são paratópicos, ou seja, ocupam uma posição liminar entre pertencimento e não pertencimento à sociedade comum, e precisam constantemente negociar esse paradoxo em sua estrutura textual e institucional.

Lessa e Silva (2019), ao apresentarem as contribuições conceituais de Maingueneau para o discurso religioso, explicam que, embora o autor não tenha escrito obra ou texto dedicado especificamente a esse discurso, seus estudos sobre o discurso constituinte e o discurso literário oferecem subsídios válidos para compreendê-lo. Além de ratificarem que Maingueneau identifica o discurso religioso como uma forma de discurso constituinte, eles apontam que, para o autor, esse objeto discursivo⁵ se distingue por instaurar hierarquias entre enunciados. Isso mostra que há uma organização interna de prestígio e autoridade entre os diversos modos de falar sobre a fé. Alguns desses enunciados se tornam inscrições últimas, os chamados arquitextos, considerados mais próximos da origem sagrada, enquanto outros apenas os comentam ou explicam. Os autores também abordam outras dimensões centrais para compreender a especificidade do discurso religioso na proposta do teórico francês, algumas já anteriormente tratadas nesta seção, tais como o funcionamento interdiscursivo, a disputa por legitimidade frente a outros discursos constituintes e a relação com comunidades discursivas.

Nesse ponto, consideramos importante ir um pouco além e refletir sobre as percepções de Lessa e Silva (2009). Ainda que se possa afirmar a ausência de um tratamento sistemático e específico do religioso, aspecto lamentado pelo próprio autor em textos posteriores, a exemplo de *As duas restrições da polêmica*⁶ e do próprio prefácio presente na edição brasileira do livro *Gênese dos discursos*, é importante considerar que o corpus religioso exerceu papel determinante na formulação de noções centrais de sua teoria, especialmente no que concerne à modelização da polêmica em

⁵ Estamos nos referindo aqui, e em outros pontos do texto, aos discursos constituintes de modo geral, pois, embora Maingueneau não tenha se dedicado especialmente ao discurso religioso, ele o reconhece como um exemplar desse tipo de discurso. Assim, há uma justificativa que valida essa aplicação.

⁶ Texto de Dominique Maingueneau publicado originalmente em 2000, mas com versão em português de 2025, presente na obra *As margens do discurso*, lançada pela Editora Contexto e organizada por Nelson Barros da Costa, Maria das Dores Mendes e José Wesley Matos.

obras como *Gênese dos discursos*. Nesse sentido, além de seus estudos sobre o discurso constituinte e o discurso literário, algumas incursões mais pontuais em torno do religioso também se mostram relevantes. Podemos citar como exemplos: 1) *Uma oração em seu lugar*, que figura como capítulo do livro *Variações sobre o ethos* (2020), texto em que o autor analisa duas versões da oração *Confissão dos pecados*, examinando a influência do ambiente material na enunciação; 2) o tópico sobre discursos constituintes do primeiro capítulo de *As margens do discurso*, em que há uma discussão sobre a noção de “palavra de Deus”; 3) o capítulo *Os multilocutores*, também em *As margens do discurso*, no qual o autor fala sobre as orações.

No que concerne às contribuições de Orlandi⁷ (2023), para a autora, a especificidade do discurso religioso decorre do fato de que ele se organiza em torno de uma relação assimétrica entre seus polos: de um lado, o lugar de enunciação do divino ou de uma instância que fala em nome de Deus, o locutor, e, de outro, o lugar do humano, situado em um lugar de escuta e obediência. Os papéis de locutor e de ouvinte se relacionam por meio do que a pesquisadora apresenta como noção de *reversibilidade*. Essa concepção refere-se à possibilidade de troca de papéis entre locutor e interlocutor no processo discursivo. Embora presente em todos os discursos, no discurso autoritário essa característica se manifesta de forma distinta: “embora não haja reversibilidade de fato, é a ilusão da reversibilidade que sustenta esse discurso” (*idem*, p. 288).

Para a autora (*idem*, p. 287-288), o discurso religioso se insere no que ela entende como *discurso autoritário*, que se caracteriza por esforçar-se para garantir a manutenção da palavra e apresenta uma tendência à *monossemia*, isto é, a um único sentido, uma espécie de *polissemia contida*, que pode ser compreendida como um controle rigoroso dos sentidos que circulam. Esse domínio busca restringir a multiplicidade de leituras possíveis e garantir que apenas algumas interpretações sejam aceitas como verdadeiras. Nessa direção, o discurso religioso faz operar um trabalho de fechamento sobre o texto: a multiplicidade de interpretações possíveis deve ser reduzida à leitura legítima, aprovada pela autoridade instituída (o sacerdote, o pregador, o intérprete autorizado).

No discurso religioso, especificamente, a *ilusão de reversibilidade* designa o movimento constitutivo pelo qual o homem, ao tempo em que reconhece sua posição subalterna em relação ao divino, alimenta o “sentimento” necessário de que pode ocupar esse lugar de enunciação absoluto. Necessário porque, uma vez que a interação real é praticamente nula, a crença de que o homem, ao repetir certos gestos e palavras, pode aproximar-se do divino, e até mesmo ocupar simbolicamente esse lugar, garante a manutenção da autoridade discursiva. A reversibilidade opera em duas direções: de “cima para baixo”, quando se imagina que Deus se faz presente na experiência humana

⁷ Orlandi (2023) esclarece que a referência para o desenvolvimento de sua análise é o discurso religioso cristão, especificamente o católico. A partir desse recorte, ela busca construir um referencial teórico-analítico que permita compreender as especificidades do discurso religioso e contribuir para a construção de outras reflexões sobre ele.

(pela revelação, pela graça, pelo milagre); e de “baixo para cima”, quando se pressupõe que o homem pode se elevar ao plano divino (pela oração, pela visão, pelo êxtase). Assim, quando o fiel ora, confessa ou realiza algum rito, ele participa de uma cena em que imagina falar com Deus ou ser ouvido por Ele (Orlandi, 2023).

Nesse processo, para Orlandi (2023), a *performatividade* assume lugar de destaque, pois o discurso religioso não apenas comunica, mas instaura realidades ao nomear. Fórmulas como bênçãos e proclamações têm força de transformação social e simbólica, articuladas a um *ethos* de autoridade sustentado pela ritualização da enunciação. Esse ritual reforça a *ilusão de reversibilidade*, aproximando o fiel do sagrado ao fazê-lo sentir-se coautor da fala divina. O discurso religioso, ao contrário de discursos que operam na horizontalidade, institui então um sujeito cindido entre seu lugar terreno e o desejo de ultrapassar essa condição, uma subjetividade marcada pela tensão entre a consciência da própria limitação e a postulação de uma filiação com o absoluto.

Orlandi (2023) trata ainda, mesmo sem aprofundar as distinções, das marcas do discurso religioso, que, embora não sejam exclusivas desse tipo de enunciado, adquirem especificidade ao se articularem com sua propriedade central: a assimetria entre os planos temporal e espiritual. É nesse contexto que se observam recursos formais recorrentes, tais como o uso de imperativos e vocativos, a presença de metáforas acompanhadas de paráfrases que orientam a interpretação, e a intertextualidade que remete constantemente a textos fundadores. Nas palavras da autora (*idem*, p. 311):

É ainda sob a forma de enumeração que gostaríamos de chamar a atenção para outros traços do discurso religioso: o uso do imperativo e do vocativo, enquanto formas próprias de discursos em que exista doutrinação; o uso de metáforas que são, depois, explicitadas por paráfrases (sobretudo nos sermões), pois, como o dizer religioso é obscuro, e sempre são possíveis muitas leituras, as paráfrases indicam a leitura própria para a metáfora; procedimento análogo a esse é o das citações em latim que depois são traduzidas por perífrases extensas e explicativas, aproveitando-se o máximo de efeitos de sentido (religiosos) sugeridos pela diferença de língua; o uso de performativos; o uso de sintagmas cristalizados (as orações) etc. Em termos da caracterização das unidades textuais, podemos ainda citar a função importante de certas formas típicas do discurso religioso como a Parábola, ou o uso de certos temas que também são típicos desse discurso, como a vida eterna, a provisoriedade do homem etc.

Esses traços, ao se relacionarem com a propriedade de *não-reversibilidade*, conformam um modo de funcionamento discursivo específico, regulado pela autoridade da voz que se representa no dizer do sujeito religioso e pelo controle sobre os sentidos possíveis da enunciação (Orlandi, 2023).

Ao confrontarmos as proposições de Maingueneau e Orlandi sobre a compreensão do discurso religioso (de forma mais ampla, do discurso constituinte, para Maingueneau, e do discurso autoritário, para Orlandi), percebemos convergências. Podemos entender que ambos os autores reconhecem que esse discurso: assume uma posição de autoridade originária e autolegitimada; estrutura uma enunciação assimétrica que separa quem fala (ou representa a fala divina) de quem escuta; estabelece mecanismos de controle dos sentidos para restringir as interpretações legítimas e evitar desvios; e cria uma comunidade discursiva unida por valores compartilhados e por modos específicos de produzir, circular e interpretar seus enunciados. Ambos os autores enfatizam ainda a força performativa do discurso religioso na criação de realidades simbólicas. A oração, o sermão e a bênção seriam exemplos de práticas enunciativas que transformam a relação dos fiéis com o mundo e com o sagrado.

Vimos, assim, a partir das perspectivas de Maingueneau e Orlandi, que o discurso religioso pode ser compreendido como uma prática que articula autoridade, ritualização e regulação de sentidos. Ele se constrói como um discurso que funda uma ordem simbólica e orienta modos de vida e posicionamentos, sendo, por isso, um objeto de particular interesse para os estudos da AD.

Nas seções que seguem, iremos verificar quais concepções e categorias teórico-analíticas são mais aplicadas, e de que forma, nas pesquisas que envolvem o discurso religioso. Antes, porém, situamos metodologicamente este estudo.

3. Análises do discurso religioso

O presente tópico, dedicado às questões de método da pesquisa, encontra-se dividido em dois subtópicos: no primeiro, explicaremos o processo pelo qual chegamos ao *corpus* analisado, composto por dez trabalhos; no segundo, explicitamos as categorias selecionadas e mobilizadas em cada um dos trabalhos. Vejamos os detalhamentos a seguir.

3.1 Metodologia

Este trabalho pretende-se como uma revisão integrativa, modalidade de investigação que visa reunir, analisar e sintetizar, de forma sistemática e interpretativa, os estudos disponíveis sobre determinado tema, revisando aportes teóricos, metodologias e resultados (Marques *et al.*, 2025). Para tanto, estabelecemos critérios de seleção/inclusão dos materiais analisados, considerando exclusivamente investigações que: i) adotam a Análise do Discurso de orientação francesa como referencial teórico-metodológico; ii) abordam o discurso religioso cristão, em virtude de sua presença no contexto histórico-social brasileiro; iii) tenham sido publicados nos últimos anos. Sobre esse último critério, são necessários alguns esclarecimentos adicionais. Inicialmente, partimos de um

número de estudos a serem analisados que consideramos representativo, mas, ao mesmo tempo, possível de ser examinado em um estudo de amplitude de certa forma restrita como este. Chegamos, assim, à quantidade de dez pesquisas, que nos pareceu suficiente para nossos objetivos. A partir daí, demos seguimento à busca, aplicando os dois primeiros critérios até completarmos a quantidade preestabelecida de dez trabalhos. O mais antigo, então, data de 2012.

O processo de levantamento dos estudos foi realizado mediante pesquisas em um site de busca e em uma base acadêmica e bibliográfica (Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD). Além disso, verificamos também coletâneas físicas a que tivemos acesso nos últimos anos. As buscas foram realizadas no mês de julho de 2025. Nos meios digitais, os termos buscados, conjuntamente, foram “discurso religioso” e “análise do discurso”. As reflexões desenvolvidas por Maingueneau (2000, 2008, 2010, 2025) e por Orlandi (2023) ofereceram os principais fundamentos teóricos para a caracterização do discurso religioso e apresentação de uma perspectiva conceitual das categorias analíticas.

Conforme já afirmamos, selecionamos dez estudos para compor um panorama em que o discurso religioso se configura como objeto de investigação, sendo esse conjunto de trabalhos composto por cinco artigos científicos, quatro dissertações de mestrado e uma tese de doutorado:

Tabela 1. Identificação dos trabalhos

Tipo	Título	Autoria	Ano
Artigo	A persuasividade no discurso religioso	Nathally Regina M. N. Campos, Roberta da C. Vieira	2014
Artigo	"A Conversão de São Paulo": o interdiscurso na pregação de José de Anchieta	Bruno Felipe de Souza	2016
Artigo	Discurso político, discurso religioso: uma análise do discurso bíblico em falas públicas presidenciais	Rudá da Costa Perini	2023
Artigo	A (des)ordem no discurso religioso	Edvania Gomes da Silva	2023
Artigo	Discursos científico e religioso na saúde mental: um exercício de análise de semântica global em cartilhas sobre o tema	Lara L. B. de Sousa e Otávia Marques de Farias	2024
Dissertação	No SPA com Deus: uma análise discursiva da revista Visão Missionária	Daiane Rodrigues de Oliveira	2012
Dissertação	O Sermão do Monte sob o olhar da Análise do Discurso: o (inter)discurso em foco	Éder Wilton G. F. Calado	2017
Dissertação	Espectáculo da fé: a constituição do <i>ethos</i> discursivo no discurso religioso midiático	Marta Silva Souza	2019
Dissertação	A doutrina do “Sola Scriptura” em uma análise interdiscursiva	Diego José G. Dias	2021
Tese	A fé entre o céu e a terra: um estudo interdiscursivo de dois movimentos do protestantismo brasileiro contemporâneo	Daniel Siqueira L. Lago	2016

Os dados extraídos desses estudos foram organizados e descritos de modo a possibilitar: i) a sistematização das principais categorias, conceitos e métodos de análise empregados; ii) a identificação das formas de aplicação desses instrumentos na investigação do discurso religioso cristão; e iii) a relação entre teoria e aplicação dos dispositivos teóricos, de modo a destacar as contribuições produzidas por esses trabalhos para a compreensão das dinâmicas de sentido que atravessam essa prática discursiva.

3.2 Categorias analíticas

Apresentados os estudos selecionados para esta revisão, antes de avançarmos para a discussão sobre como se operou a aplicação das categorias e conceitos, listamos os principais conceitos da AD, tomados como categorias de análise (instrumentos teórico-analíticos) que sustentam cada uma dessas pesquisas:

Tabela 2. Sistematização das categorias analíticas

Título do estudo	Categorias/ Conceitos AD
A persuasividade no discurso religioso	ilusão de reversibilidade, formação discursiva (propriedades e marcas)
“A Conversão de São Paulo”: o interdiscurso na pregação de José de Anchieta	interdiscurso, formação discursiva, instâncias discursivas (universo, campo e espaço discursivo)
Discurso político, discurso religioso: uma análise do discurso bíblico em falas públicas presidenciais	formação discursiva, objeto discursivo paradoxal, memória discursiva
A (des)ordem no discurso religioso	interdiscurso, semântica global
Discursos científico e religioso na saúde mental: um exercício de análise de semântica global em cartilhas sobre o tema	semântica global, interdiscurso, interincompreensão, formação discursiva
No SPA com Deus: uma análise discursiva da revista Visão Missionária	semântica global, interincompreensão, interdiscurso, heterogeneidade discursiva
O Sermão do Monte sob o olhar da Análise do Discurso: o (inter)discurso em foco	interdiscurso, ideologia, condições de produção
Espectáculo da fé: a constituição do <i>ethos</i> discursivo no discurso religioso midiático	semântica global, <i>ethos</i> discursivo, cenografia, interdiscursividade
A doutrina do “Sola Scriptura” em uma análise interdiscursiva	polêmica, eixos semânticos, <i>ethos</i> /antiethos, campo discursivo, discurso constituinte e simulacro
A fé entre o céu e a terra: um estudo interdiscursivo de dois movimentos do protestantismo brasileiro contemporâneo	interdiscurso, <i>ethos</i> , semântica global

4. A compreensão do discurso religioso: articulando conceitos, categorias e aplicações

Ressaltamos que o objetivo deste estudo não é proceder a um levantamento detalhado e exaustivo das categorias empregadas, mas sim concentrar a atenção naquelas que se mostraram mais relevantes para cada pesquisa, bem como naquelas mais recorrentes de modo geral. Conforme observado na Tabela 2, são categorias e concepções mais frequentes: o interdiscurso (memória discursiva), a semântica global (interincompreensão), o *ethos*, a formação discursiva, o discurso constituinte, as instâncias discursivas (campo e espaço discursivo).

Notamos que os instrumentos e dispositivos exercem papéis ora mais conceituais, isto é, mais voltados aos objetos discursivos e aos seus traços mais característicos, ora mais práticos, úteis às questões de ordem mais analítica. Isso se deve ao fato de que, na AD, não há uma separação evidente entre teoria e instrumentos metodológicos, cabendo ao analista do discurso a tarefa de escolher e articular conceitos e ferramentas para a construção de uma abordagem discursiva coerente aos seus objetivos de pesquisa, na consulta contínua aos escopos teóricos (Orlandi, 2010).

Para a discussão que segue, adotaremos a seguinte organização: em cada subseção, inicialmente, traremos um panorama sobre as perspectivas teóricas de cada um dos conceitos mais abordados e, em seguida, traçaremos uma articulação dessas bases teóricas com suas respectivas aplicações nos estudos analisados.

4.1 Interdiscurso e memória discursiva

A categoria mais recorrente nos trabalhos é a do interdiscurso. Conceito basilar da AD, o interdiscurso é, em algumas abordagens teóricas, como a desenvolvida por Maingueneau (2008), considerado o próprio objeto de estudo desse campo disciplinar, uma vez que o discurso só se constitui e adquire sentido em relação a outros discursos.

Nesse entendimento, é estabelecida a primazia do interdiscurso, pois é a partir dessa rede de enunciados que se tornam possíveis a produção e a interpretação de qualquer dizer. O autor (2015, p. 28) afirma que “para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras”.

Ou seja, os discursos não existem de forma isolada, pois todo dizer está atravessado por dizeres anteriores que o sustentam ou contradizem. O interdiscurso evidencia, assim, a rede complexa de discursos que se entrecruzam na produção de sentido, revelando que o sujeito está sempre inserido em uma memória discursiva que o precede e o molda. Essa memória discursiva é

compreendida aqui como o próprio interdiscurso. Orlandi (2010, p. 31) entende a memória discursiva como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Nesse sentido, consideramos que a análise do discurso se volta não apenas para o que é dito, mas para os ditos anteriores ou simultâneos, bem como para aquilo que é silenciado, pois tudo isso permite, condiciona e constitui os efeitos de sentido do dizer atual.

Conceito bem presente nos estudos revisados, o interdiscurso foi mobilizado para evidenciar como o discurso religioso cristão não se estrutura isoladamente, mas em constante articulação com outros discursos. No artigo de Souza (2022), a análise do sermão “A conversão de São Paulo”, de José de Anchieta, demonstrou a centralidade do interdiscurso como suporte das estratégias de legitimação do dizer religioso, que se ancora no discurso das escrituras bíblicas e na tradição católica para reforçar sua autoridade. O trabalho confirma a hipótese de Maingueneau (2008) sobre o primado do interdiscurso, pois o discurso anchietano só adquire sentido na relação com outros já instituídos.

A tese de Lago (2016) empregou a noção de interdiscurso para analisar a constituição discursiva de dois movimentos protestantes brasileiros. Por meio da interdiscursividade, o autor demonstrou como os discursos da Teologia da Missão Integral e do Movimento Pentecostal se definem mutuamente, produzindo sentidos em relação polêmica, construindo *ethos* e estratégias de legitimação a partir de discursos já estabilizados no campo religioso e político. Silva (2019) reforçou essa compreensão ao revisar a noção de interdiscurso para refletir sobre o funcionamento do discurso religioso, especialmente quando em confronto ou sobreposição com outros campos discursivos.

O interdiscurso também foi fundamental em Perini (2023) para analisar como o discurso bíblico é mobilizado no discurso político presidencial. A pesquisa mostrou que essa apropriação possibilita outro funcionamento aos enunciados bíblicos, inscrevendo-os em nova cena enunciativa, sem romper, contudo, com sua memória religiosa e seu valor de autoridade. Em Calado (2017) o papel da memória discursiva foi evidenciado no Sermão do Monte, destacando como a constituição do discurso cristão primitivo se deu em tensão com outros discursos da época (judaísmo formativo e império romano).

Em conjunto, essas pesquisas demonstram que a noção de interdiscurso contribui decisivamente para compreensão do discurso religioso como prática discursiva que se constitui na e pela memória de outros discursos, em jogo de filiação, reconfiguração e disputa de sentidos.

4.2 Formação discursiva

Outro conceito central para os estudos da AD, a Formação discursiva (FD) designa o conjunto de condições ideológicas que determinam “o que pode e deve ser dito” por determinados sujeitos, em determinadas posições, dentro de uma conjuntura histórica específica. A noção foi inicialmente formulada por Michel Foucault (2014 [1969]), em *A arqueologia do saber*, ao interrogar as condições de emergência dos saberes, e posteriormente desenvolvida por Michel Pêcheux (2010 [1969]), que a inseriu no campo do materialismo histórico, articulando linguagem, ideologia e luta de classes. Nesse sentido, a FD é compreendida como uma das formas pelas quais a ideologia se materializa na linguagem, regulando a produção dos sentidos sob o efeito das formações ideológicas, vinculadas às disputas entre posições de classe e aos aparelhos ideológicos do Estado (Brandão, 2004).

Vemos ainda em Brandão (2004, p. 48-49) que o funcionamento de uma FD envolve mecanismos como a *paráfrase*, que tende à estabilização e repetição de sentidos. A esse movimento se contrapõe a *polissemia*, que instaura a pluralidade de sentidos e a possibilidade de deslocamentos discursivos, rompendo as fronteiras estáveis entre formações. Enquanto a paráfrase busca o fechamento e a preservação da identidade discursiva, a polissemia evidencia a instabilidade dos sentidos e a presença de múltiplas vozes em constante disputa. Outro mecanismo, o pré-construído, traz à cena discursiva saberes tidos como evidentes, naturalizados, funcionando como referências previamente constituídas.

Embora busque a coerência, a FD é internamente heterogênea e instável, atravessada por contradições ideológicas que evidenciam sua historicidade. “Uma FD [...] não é nem ‘uma só linguagem para todos’, menos ainda ‘a cada um a sua linguagem’, mas ‘linguagens em um todo’” (Courtine e Marandin, 1981 *apud* Maingueneau, 2015, p. 86). Assim, um mesmo enunciado pode ser atravessado por diferentes formações discursivas, fazendo com que sujeitos falem de modos distintos a partir de posições ideológicas específicas.

Nos trabalhos analisados, a noção de formação discursiva (FD) foi determinante para explicitar como o discurso religioso opera dentro de determinadas condições de produção, evidenciando as disputas de sentido que marcam o espaço discursivo e suas articulações ideológicas. Essa categoria teórica permitiu compreender como certos dizeres, posições de sujeito e sentidos possíveis são regulados e reiterados, ou contestados, dentro de tradições religiosas específicas.

Destacamos a pesquisa de Perini (2023), onde a FD bíblica neopentecostal foi central para entender como o discurso bíblico é mobilizado no discurso político presidencial. A análise evidenciou que esse atravessamento discursivo não ocorre de forma neutra, mas dentro de uma FD que legitima sentidos alinhados a projetos de poder, ancorados em uma tradição religiosa específica. O discurso presidencial se articula à FD neopentecostal ao recorrer a enunciados bíblicos que reforçam uma

identidade cristã conservadora e produzem efeitos de sentido que naturalizam essa vinculação entre política e religião como um aspecto do “povo brasileiro”.

O artigo sobre a persuasividade no discurso religioso (Campos; Vieira, 2014) mostrou como a FD religiosa opera por meio da ilusão de reversibilidade e da monossemita, construindo sentidos de autoridade e incontestabilidade no dizer religioso. A pesquisa enfatizou que essa FD define uma forma de interação assimétrica entre locutor e auditório, reiterando a autoridade do emissor e regulando as possibilidades de interpretação do enunciado religioso.

Percebemos nas pesquisas analisadas que compreender a noção da FD é, portanto, essencial para delimitar os modos de dizer autorizados e os sentidos possíveis dentro de determinadas tradições religiosas. Esse conceito ajuda a entender como o discurso religioso opera com base em posições previamente estabelecidas, não sendo neutro ou espontâneo, e a lançar luz sobre os modos pelos quais sentidos são produzidos, disputados e legitimados no interior dessa organização.

4.3 Semântica global (interincompreensão, polêmica, simulacro)

Concebida no quadro teórico desenvolvido por Maingueneau (2008), a noção de semântica global refere-se ao sistema de restrições semânticas que organiza a produção e circulação dos sentidos em uma formação discursiva. Segundo o autor, não faz sentido buscar o significado discursivo apenas no vocabulário, nas sentenças, ou em um nível de “profundidade” oculta. Ao contrário, toda a superfície textual e os diversos planos do discurso - temas, léxico, sintaxe, modos de enunciação e de coesão, entre outros - cooperam simultaneamente para definir o funcionamento global do sentido. A semântica global, assim, rejeita uma hierarquia entre essas dimensões, privilegiando uma visão ampla em que as restrições semânticas se articulam continuamente.

A respeito da polêmica e da interincompreensão, Maingueneau (2008) aponta para o fato de que os discursos se constituem em oposição ao Outro e na relação com esse outro. O confronto discursivo não é fortuito, mas estrutural, “enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e [...] ‘não compreender’ o sentido dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno” (p. 99).

Assim cada discurso traduz o outro a partir de sua própria grade semântica, construindo *simulacros* do discurso alheio e integrando-o ao seu próprio campo de sentido, de modo necessariamente parcial e conflituoso. Esse processo de *interincompreensão regulada* é fundamental para a dinâmica dos campos discursivos, pois contribui para a constituição identitária, a delimitação simbólica e a manutenção das diferenças entre discursos concorrentes.

As categorias de semântica global e de polêmica como interincompreensão são fundamentais para compreender como o discurso religioso organiza e estabiliza sentidos a partir de

suas restrições semânticas e como estabelece suas fronteiras identitárias na relação com outros discursos.

Em Oliveira (2012), a noção de semântica global foi mobilizada para explicitar como o discurso religioso batista, especialmente por meio da revista *Visão Missionária*, se constitui e organiza sentidos sobre o feminino. A autora demonstrou que essa formação discursiva, aqui atualizada, a partir de Maingueneau, como posicionamento, opera com um conjunto de semas positivos e negativos que regulam os dizeres sobre a mulher, o corpo, a beleza e as práticas cotidianas. A semântica global batista organiza, assim, os modos de dizer autorizados e rejeita sentidos que desestabilizariam essa identidade, assegurando a continuidade de suas práticas discursivas e institucionais. A oposição entre o campo secular e o religioso, bem como a valorização da atuação evangelizadora feminina, revela o funcionamento dessa semântica como sistema de restrições para a produção e circulação dos sentidos.

No artigo de Sousa e Farias (2024), a semântica global foi aplicada na análise de cartilhas sobre saúde mental, representando os discursos científico e religioso. As autoras demonstraram como cada formação discursiva organiza seus sentidos em torno de eixos opostos, individualidade para o discurso científico e coletividade para o religioso, evidenciando, em um exercício de aplicação da semântica global, a existência de sistemas de restrições semânticas distintos. A análise mostrou ainda a interincompreensão como constitutiva da relação entre esses discursos, cada qual traduzindo o outro a partir de suas próprias grades semânticas, construindo simulacros e reforçando suas identidades no campo discursivo da saúde mental.

A semântica global e a noção de polêmica foram essenciais na dissertação de Dias (2021) para analisar a disputa histórica entre católicos e protestantes calvinistas em torno da doutrina *sola scriptura*⁸. O autor evidenciou como cada formação discursiva organiza seus sentidos por meio de eixos semânticos (instituição, costume e doutrina) e constrói simulacros do discurso do outro, operando pela lógica da interincompreensão. A análise mostrou que, embora partam dos mesmos textos fundantes, cada grupo lê o outro a partir de seus próprios semas, reafirmando a identidade discursiva e produzindo um campo discursivo sustentado na polêmica constitutiva.

Silva (2023) analisou a relação polêmica entre dois posicionamentos dentro do próprio campo católico: a Renovação Carismática Católica e a Teologia da Libertação. A autora mostrou como a semântica global de cada posicionamento organiza sentidos próprios e como essa diferença funda uma polêmica constitutiva, marcada pela interincompreensão. Mesmo pertencendo à mesma instituição, cada grupo constrói suas práticas e sentidos a partir de sistemas semânticos que os distinguem, e suas identidades são reforçadas na oposição ao outro. A análise destacou ainda que

⁸ Significa “somente a Escritura” – “[...] coloca a Bíblia em um patamar mais alto do que qualquer outra revelação e faz dela uma hierofania (manifestação do sagrado)” (Dias, 2021, p. 16).

essas polêmicas não são acidentais, mas estruturantes, e se evidenciam nas práticas discursivas, nas cenas enunciativas e nos modos de funcionamento de cada grupo.

Esses estudos demonstram que a categoria de semântica global permite compreender como os posicionamentos religiosos estabilizam sentidos, constituem suas identidades e organizam suas práticas. Já a noção de polêmica como interincompreensão explícita como esses posicionamentos se afirmam e se delimitam em relação ao outro, seja dentro do próprio campo religioso ou em confronto com discursos de outros campos.

4.4 Ethos discursivo

Com origem na retórica clássica em Aristóteles, inicialmente, o *ethos* era entendido, como a imagem de caráter que o orador construía no discurso para conquistar a adesão do público, estando ligado a atributos como prudência, virtude e benevolência. Com o tempo, essa noção foi reelaborada, dentro do próprio pensamento aristotélico, e, ao invés de ser uma qualidade prévia do sujeito, passou a ser vista como um efeito discursivo, ou seja, como algo produzido no próprio ato de enunciar (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 220).

Para esses autores, esse conceito é concebido, no campo da Análise do Discurso, como a imagem discursiva que o locutor projeta de si ao longo da enunciação, articulando-se à cena de enunciação, aos estereótipos sociais e às expectativas dos alocutários. Maingueneau desenvolve essa noção destacando que o *ethos* não se reduz a uma função ou papel socialmente reconhecido, mas envolve uma voz e um corpo que se manifestam discursivamente, tanto no falado quanto no escrito. Além disso, o *ethos* se ancora em representações coletivas e dialoga com a imagem prévia que o público já possui do locutor, chamada de *ethos* pré-discursivo. A construção desse *ethos* se inscreve ainda em uma cena de enunciação específica, que impõe restrições e possibilidades à forma como o sujeito pode apresentar-se, reforçando a ideia de que toda enunciação é social e ideologicamente situada (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 220-221).

Em reflexões mais recentes, Maingueneau (2025) propõe que o *ethos* discursivo deve ser compreendido a partir de três dimensões interligadas: categorial (papéis e estatutos sociais, como ser orador, médico ou professor), experiencial (traços estereotipados, como ser calmo ou dinâmico) e ideológica (posicionamentos em campos de disputa, como ser feminista ou conservador). Essas dimensões se articulam na cena de enunciação e produzem efeitos de sentido que conferem ao discurso credibilidade e eficácia. Para o autor, o *ethos* seria inseparável da materialidade da enunciação, pois se manifesta nas marcas corporais e nos modos de dizer que ativam representações sociais. Assim, a construção do *ethos* não é fixa, mas continuamente negociada, sendo central para a constituição do discurso e sua legitimidade.

Observamos que, nos trabalhos analisados, o conceito de *ethos* discursivo foi mobilizado para compreender como o sujeito religioso constrói, na enunciação, imagens de si que visam sustentar a credibilidade, a autoridade e a eficácia de seus discursos, sempre articulados às cenas de enunciação e às restrições das formações discursivas em que se inscrevem.

Na dissertação de Souza (2019), a análise do *ethos* no discurso midiático religioso revelou como os líderes religiosos constroem imagens discursivas que lhes conferem autoridade e legitimidade diante de seu público. A pesquisa evidenciou que, ao recorrer às estratégias linguístico-discursivas próprias da mídia televisiva, esses líderes constituem um *ethos* que oscila entre a imagem de representantes da voz de Deus e a de figuras solidárias, acolhedoras, sensíveis ao sofrimento humano. Tal constituição é inseparável das cenas de enunciação e dos gêneros midiáticos analisados, nos quais o *ethos* é ativado em consonância com a espetacularização da fé e com a busca por sensibilizar e alcançar fiéis.

O conceito de *ethos* em Lago (2016) foi fundamental para compreender como os discursos da Teologia da Missão Integral (TMI) e do Movimento Pentecostal (MP) constroem suas identidades discursivas em oposição. A análise mostrou que cada grupo elabora imagens de si que reforçam suas posições no campo religioso e político: a TMI projeta um *ethos* de engajamento social, de responsabilidade ética e cidadã, enquanto o MP constrói um *ethos* centrado na espiritualidade, na luta contra o mal e na prosperidade material. O autor ressaltou como essas imagens se sustentam discursivamente na polêmica constitutiva entre os grupos, sendo o *ethos* um operador central na legitimação dos seus dizeres.

Em Dias (2021), o *ethos* foi analisado em articulação com a noção de *antiethos*, evidenciando como, no contexto da polêmica entre católicos e calvinistas em torno da *sola scriptura*, ambos os grupos constroem não apenas imagens positivas de si (*ethos*), mas também imagens desqualificadoras do outro (*antiethos*). O trabalho destacou como o *ethos* protestante articula uma imagem de autoridade baseada na centralidade da Escritura, enquanto o *ethos* católico valoriza a tradição e a mediação institucional. Essas imagens são fundamentais para sustentar as posições de cada grupo na disputa por legitimidade e para reforçar a identidade discursiva de seus locutores.

Essas pesquisas demonstram que o conceito de *ethos* discursivo possibilita a compreensão de como o discurso religioso constrói imagens de autoridade, proximidade ou enfrentamento, sendo decisivo para a eficácia persuasiva e para a constituição de uma identidade no campo religioso cristão.

4.5 Outros dispositivos

Destacamos, de forma breve, outros instrumentos que observamos em alguns trabalhos, como a importância da delimitação de um espaço discursivo no percurso metodológico das análises realizadas e a consideração a aspectos do discurso constituinte.

Maingueneau propõe, em formulação que remonta à sua obra *Gênese dos discursos* (2008), que as instâncias discursivas sejam compreendidas a partir de três níveis inter-relacionados: universo discursivo, campos discursivos e espaços discursivos, sendo este último particularmente relevante para a análise da constituição dos sentidos. Essa subdivisão do interdiscurso, desenvolvida nesse trabalho cronologicamente anterior, reforça o argumento de que tal obra constitui um estudo fundamental, ainda que não explícito, sobre o discurso religioso. O espaço discursivo corresponde a um recorte mais restrito dentro de um campo discursivo, reunindo formações discursivas que estabelecem relações privilegiadas, seja por oposição, aliança ou complementaridade. Trata-se, portanto, de um instrumento analítico que permite evidenciar como um discurso se organiza a partir de sua relação com outros discursos, já que sua identidade não é autossuficiente, mas construída sempre em função da alteridade. Nesse sentido, o espaço discursivo é o lugar onde se dá a articulação entre o Mesmo e o Outro, possibilitando compreender os efeitos de sentido e as disputas que atravessam os discursos em sua historicidade.

Em Souza (2022) o espaço discursivo é utilizado como ferramenta metodológica para delimitar o campo em que o sermão de Anchieta se insere e opera. O autor identifica que a pregação religiosa constitui, no interior do campo discursivo religioso, um espaço específico em que se entrelaçam discursos das Escrituras, da tradição católica e das práticas evangelizadoras do período colonial. Ao definir esse espaço discursivo, Souza demonstra como o discurso anchietano se organiza a partir da relação privilegiada com essas formações discursivas, evidenciando seu caráter constitutivo e sua função de reiterar sentidos já estabilizados no campo religioso. O espaço discursivo, assim, é apresentado como recorte analítico que permite entender as articulações entre o mesmo e o outro, mostrando como a legitimidade dos enunciados se constrói na interlocução com discursos precedentes e concorrentes, especialmente no interior da tradição católica e da memória bíblica.

Notamos ainda nos estudos que a noção de discurso constituinte desenvolvida por Maingueneau, conforme já trazido na seção em que discorreremos sobre a caracterização do discurso religioso, mostra-se fundamental para a compreensão dessa prática discursiva. Os discursos constituintes, como o religioso, o filosófico e o científico, não apenas produzem sentidos, mas pretendem fundar a legitimidade dos discursos em uma coletividade. O religioso, em especial, reivindica para si o estatuto de discurso último, detentor da verdade e da autoridade sobre os sentidos.

Nesse sentido, a dissertação de Dias (2021) mostra como a noção de discurso constituinte foi central para analisar o funcionamento do discurso religioso cristão no contexto da polêmica entre católicos e protestantes calvinistas em torno da doutrina *sola scriptura*. O autor evidencia como ambos os discursos, por serem constituintes, reivindicam para si o estatuto de autoridade última, cada qual buscando fundar a legitimidade de seu dizer a partir de uma relação direta com o sagrado e com os textos fundantes. A pesquisa mostra que, nessa disputa, cada grupo se ancora em posições que pretendem instituir sentidos como verdades, reafirmando o caráter fundacional e legitimador do discurso religioso enquanto prática constituinte que não apenas diz, mas busca determinar o que pode e deve ser dito no interior de uma coletividade.

5. Considerações finais

As investigações aqui reunidas visaram à demonstração da produtividade teórico-analítica da AD na compreensão do discurso religioso cristão.

Vimos nesses estudos que a religiosidade opera como uma força constitutiva de sentidos, em que legitima e molda valores, comportamentos, posicionamentos políticos e hierarquias sociais. Observamos assim que a aplicação das categorias analíticas da AD permitiu a descrição dos modos de produção, circulação e funcionamento desses discursos, em suas diferentes materialidades: sermões, documentos doutrinários, revistas, redes sociais, cartilhas, mídias etc.

Identificamos a predominância de categorias e conceitos que podemos entender como centrais na AD, tais como interdiscurso, *ethos* discursivo, formação discursiva, semântica global e polêmica, sempre articulados às condições de produção e à história, e também à interdisciplinaridade, revelando que as pesquisas empreendidas buscavam uma compreensão dos efeitos de sentido a partir de um amplo olhar para objetos situados historicamente.

De forma geral, esses estudos apontam que o discurso religioso é uma prática discursiva constituinte, reguladora de sentidos e de identidades coletivas, que opera no entrelaçamento entre tradição e atualização, entre memória e disputa, vinculada a contextos sociais, políticos e históricos. Essa prática não apenas produz sentidos, como regula, disputa e institui o que pode ser dito sobre o sagrado e sobre a vida em sociedade.

Entendemos que as categorias aqui abordadas possam ser igualmente recorrentes em análises de outras práticas discursivas, contudo, conforme os recortes e objetivos delineados neste estudo, nosso foco se concentrou em apreendê-las especificamente no âmbito do discurso religioso, buscando contribuir para uma maior compreensão das práticas discursivas e de linguagem empregadas nesse domínio. Assim, em relação às investigações de como esses dispositivos analíticos operam em outros contextos discursivos (como o político, o midiático ou o científico) apontamos como um caminho para análises futuras.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 2ª ed. rev. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 46-52.
- CALADO, E. W. G. F. **O sermão do monte sob o olhar da análise do discurso: o (inter)discurso em foco**. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/029d1830-599a-48e3-8c32-362c45deb5de>. Acesso em: 2 jul. 2025.
- CAMPOS, N. R. M. N.; VIEIRA, R. C. A persuasividade no discurso religioso. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, [S. l.] v. 8, n. 1, p. 39-54, 2014. DOI: 10.7867/1981-9943.2014v8n1p39-54. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4089>. Acesso em: 1 jul. 2025.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- DIAS, D. J. G. **A doutrina do "Sola Scriptura" em uma análise interdiscursiva**. 2021. 148 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/34fffabf-daea-4223-abc3-07b209fc04de>. Acesso em: 2 jul. 2025.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2014 [1969].
- LAGO, D. S. L. **A fé entre o céu e a terra: um estudo interdiscursivo de dois movimentos do protestantismo brasileiro contemporâneo**. 2016. 219 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3345>. Acesso em: 2 jul. 2025.
- LESSA, A. R.; SILVA, E. G. da. Contribuições de Dominique Maingueneau para análise de discurso religioso. **International Journal of Development Research**, Vol. 09, Issue, 11, pp. 31306-31310, November, 2019. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/contribui%C3%A7%C3%B5es-de-dominique-maingueneau-para-an%C3%A1lise-de-discurso-religioso>. Acesso em: 3. jul 2025.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997. p. 116-118.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. Gênero historicidade de um gênero do discurso: o sermão. Tradução de Sírio Possenti. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, tradução de Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 99-127.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, D. **As margens do discurso**. Organização de Nelson Barros da Costa, Maria das Dores Mendes e José Wesley Matos. São Paulo: Contexto, 2025.

MAINGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 2, n. 1/2, p. 1-12, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331>. Acesso em: 1. jul 2025.

MARQUES, S. M. S.; OLIVEIRA, I. L. de; SOARES, C. P. J.; BOMFIM, L. de P.; MARQUES, R. F. Métodos de pesquisa: revisão sistemática, revisão integrativa e pesquisa documental. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e15914, 2025. DOI: 10.55905/revconv.18n.2-417. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/15914>. Acesso em: 3 jul. 2025.

OLIVEIRA, D. R. de. **No SPA com Deus**: uma análise discursiva da revista Visão Missionária. 2012. 153 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1617905>. Acesso em: 2 jul. 2024.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2010.

ORLANDI, E. P. O discurso religioso. In: ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 287-315.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4.ed. Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2010 [1969].

PERINI, R. Discurso político, discurso religioso: uma análise do discurso bíblico nas falas públicas presidenciais. **Revista Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 76, p. 178-193, 2023. DOI: 10.28998/2317-9945.202376.178-193. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/14282>. Acesso em: 4 jul. 2025.

SILVA, E. G. A (des)ordem do discurso religioso. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. (Orgs.). **A (des)ordem do discurso**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2023. p. 201-218.

SOUSA, L. L. B; FARIAS, O. M. Discursos científico e religioso na saúde mental: um exercício de análise semântica global em cartilhas sobre o tema. In: FARIAS, O. M.; FREITAS, M. L. T. (Orgs.). **Investigações em linguagem**: pesquisas desenvolvidas no PPGLin/Unilab (vol. 1). 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2024. p. 199-218.

SOUZA, B. F. “A conversão de São Paulo”: o interdiscurso na pregação de José de Anchieta. *Revista Mediação*, v. 17, n. 1, p. 93-107, Jul. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.31668/mediacao.2022.v17e1.13310>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SOUZA, M. S. **Espetáculo da fé**: a constituição do *ethos* discursivo no discurso religioso midiático. 2019. 163 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/3da17c60-8a91-4717-b908-bba721d81221>. Acesso em: 1 jul. 2025.